

REVISTA MEMENTO**V.4, n.2, jul.-dez. 2013****Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR****ISSN 2317-6911**

RELACIONANDO LÍNGUA E CULTURA NO DOCUMENTÁRIO *LÍNGUA: VIDAS EM PORTUGUÊS***Bruno Gomes PEREIRA¹**

Resumo: Esse trabalho baseia-se em uma análise acerca da relação entre língua e cultura, partindo da premissa de que tais esferas atuam, por meio de um posicionamento dicotômico, na estruturação da identidade linguística de uma dada comunidade, o que atribui aos diversos povos características díspares. Para fins comprovativos, coube analisar essa relação língua/cultura no filme *Língua: vidas em português*, de forma a atentar como essa dicotomia atua na manutenção linguística de povos diversos. O documentário em questão ilustra os pressupostos culturais que alicerçam os usuários da língua em determinados países, especificamente daqueles que se munem do princípio da lusofonia.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Sociedade. Língua Portuguesa.

Primeiras Considerações

É de conhecimento que a língua é elemento propulsor em uma relação comunicativa favorável entre emissor e receptor, além de contemplar com veemência a preponderância no processo de socialização de posicionamentos diferenciados. Portanto, trata-se de um eixo social que a tudo se relaciona à manutenção da cultura de um povo. Consiste também em um fio condutor para atribuição de inferências a respeito de usos e hábitos plurais dos usuários da língua.

Para isso, deve-se compreender que tanto a cultura quanto a língua são fatores carregados por ideologias que caracterizam dada comunidade linguística em sua imanência.

O presente artigo proporrá um olhar analítico acerca dessa relação, entendendo que essa correspondência se dá sob uma perspectiva mutável, ou seja, são esferas

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) – Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína, Brasil. Bolsista CAPES.
E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

interdependentes que estão sujeitas às evoluções da sociedade, de modo a evidenciar tais transformações com o tempo, isto é, diacronicamente.

Estas considerações são latentes no documentário *Língua: vidas em português*, com direção de Victor Lopes, onde se percebe a sociedade como meio de coesão entre língua e cultura.

No documentário supracitado, a imanência cultural dos povos, mesmo sendo lusófonos, está ligada necessariamente a troncos linguísticos díspares. Fator esse que torna o Português discrepante em cada país. Nesse caso, a lusofonia deixa de ser concebida enquanto uma um fator de aproximação, fazendo com que o “aproximado” seja justamente a representação da divergência cultural do usuário da língua.

Nessa instância, torna-se pertinente propor a sociedade enquanto célula motivadora na evolução cultural e, por conseguinte, linguística de um povo, partindo da premissa de que a língua, entendida enquanto uma representação social, atrelando-se concomitantemente à cultura propõe uma releitura dos preceitos do meio em que opera, de maneira a ser vista como uma espécie de “fotografia” da sociedade.

Definição de língua e seu caráter social

A definição de língua é algo complexo, partindo da premissa da organicidade desta, a qual propõe uma visão contextual da mesma. Nessa perspectiva, a esfera pragmática é de fundamental importância na sistematização conceitual de língua, ao passo que opera nas esferas contexto e interlocução

Entretanto, pode-se considerar, inicialmente, as teorias saussurianas a respeito de língua. O Estruturalismo de Saussure a considera como um sistema de signos formado por conjuntos estruturais que atuam simultaneamente. Para o pai da Linguística Moderna, trata-se de:

Uma parte, essencial dela [a linguagem], indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 1969, p. 17).

A citação posta acima é condizente à concepção meramente estrutural de Saussure, comportando a língua por ela mesma, visto que a trata enquanto uma manifestação da linguagem, considerando-a como um sistema. Ao mencioná-la enquanto “um conjunto de convenções” está se referindo às estruturas internas da língua – fonológica, morfológica e sintática, estas duas últimas representadas pelos eixos linguísticos paradigmático e sintagmático respectivamente – o que propicia e atribui um caráter puramente funcional à língua.

A concepção sistêmica com a qual Saussure contempla as vertentes de seus estudos linguísticos modernos contempla a língua de maneira bastante científica, no entanto no que se refere à sua imanência estrutural.

Embasando-se nas ideias de Saussure, Petter (2004, p. 14) sintetiza que “a língua é uma parte essencial da linguagem”. Isso porque atua no processo comunicativo das pessoas, caracterizando-as consequentemente.

Ainda na vertente dos estudos saussurianos, alguns teóricos procuram justificar o pensamento puramente estruturalista do Pai da Linguística e comentam as teorias póstumas deste estudioso adotando enquanto referência a dicotomia sincronia X diacronia. Para tanto:

Trata-se da definição da língua como um sistema. Ela é importante porque é a partir dela que Saussure define um novo objeto de estudo para a Linguística. Ela foi comentada sumariamente porque o que interessava, então, era discutir as orientações sincrônicas e diacrônicas do estudo da língua. (PIETROFORTE, 2011, p. 81).

O raciocínio de Pietroforte concerne aos princípios de estabelecimento linguístico, principalmente no que tange a concepção de língua enquanto elemento comunicativo. A

perspectiva histórica linguística oferece um aparato ao raciocínio sincrônico da língua, visto que para as vertentes de estudos da linguagem enquadradas nesta ideologia necessitam se relacionar, por meio do método referencial, aos preceitos diacrônicos da língua. Isso significa afirmar que a relação diacronia e sincronia é pertinente e plausível à estruturação de quaisquer estudos linguísticos, uma vez que se relacionam mutuamente e contribuem para uma reflexão mais coerente a respeito do perfil evolutivo e, até mesmo, pragmático da língua.

Entretanto, a concepção conceitual de língua ganha características ainda mais complexas ao ser contemplada enquanto elemento atrelado ao processo comunicativo e social do homem. As contribuições interacionais da língua lhe acarretam diferentes percepções definidoras, indo muito além que um simples “sistema”. Discorre-se que:

Em um viés mais apropriado a sociolinguistas e linguistas antropólogos, Bourdieu observa que a aparente unidade de qualquer língua é o produto histórico de unificação ou padronização, e que as línguas variam de acordo com a sociedade em que são faladas (HANKS, 2008, p. 49)

Logo, de acordo com as ideias de Hanks, embasadas em Bourdieu, a língua é, sobretudo, algo social, partindo da premissa de que a sociedade se fabrica a partir de interconexões linguísticas que costuram uma espécie de mosaico cultural.

Nesse sentido, a de se fazer um estudo histórico (diacrônico) linguístico, com o objetivo de diagnosticar as peculiaridades imanentes daqueles corpus de análise. Para isso, a priori, deve-se conceber a ideia de que a língua tem o potencial de por em diagnose toda a gênese cultural do grupo linguístico que a contempla. Em outras palavras, a sociedade se caracteriza pela maneira com a qual faz uso da língua, sendo que esta forma sintetiza os padrões culturais do falante. Isso pode ser perceptível mesmo dentro de uma mesma vertente idiomática.

Entender a língua enquanto elementar fio condutor social é concebê-la do ponto de vista interacional. Com isso, recai sobre ela o poder de coesão social, o que permite o fluir comunicacional dos seres que dela fazem uso.

Em um processo de comunicação, a língua assume papel preponderante. Isso se dá pela relação coerente e contextual entre emissor e receptor, bem como o léxico mental que as pessoas contemplam de maneira particularizada. Em uma perspectiva mais diacrônica, Coutinho afirma que “língua é a linguagem particularmente usada por um povo” (1976, p. 24).

Infere-se a partir do raciocínio coutiniano que a língua é fator preponderante à cultura de um povo, visto que resulta em uma manifestação linguística que influencia hábitos particularizados, capazes de estabelecer discrepâncias entre os povos.

Para isso, faz-se necessário entender o caráter evolutivo da língua, a qual procura acompanhar o processo de desenvolvimento de uma comunidade linguística, de modo a estabelecer diferenciações com o transcorrer histórico. Ou seja, a língua passa a ser entendida como uma espécie de termômetro social, uma vez que suas evoluções a tudo se atrelam às transformações do meio social onde operam.

Logo, a língua transpõe explícita e implicitamente as particularidades dos povos, de maneira a representar sua evolução, sob um ponto de vista diacrônico. Com isso, é pertinente supor que é o principal meio de cultivo histórico, visto que nela se encontra toda a construção não somente gramatical, mas, sobretudo, cultural de uma dada comunidade linguística, singularizando-a. Com a perda de uma língua, perde-se também toda uma história de pessoas que dela muniram-se.

Definição do termo “cultura”

Definir o termo “cultura” é propor uma visão crítica e reflexiva acerca de todo um conjunto de valores que diagnosticam os preceitos e noções que orientam um dado povo. Para isso, esbarra-se, do ponto de vista sociológico, em construções estereotipadas que circundam a definição da palavra ora referida.

Nesse sentido, considera-se válido uma discussão a respeito da complexidade de tal termo, a se inferir que:

A recente conversão de quase todos os atores da ação cultural para o sentido etnológico do conceito de “cultura” tem indiscutivelmente suas vantagens, já que facilita a ruptura com a polissemia que abre todas as portas do sentido banalmente cultivado dessa palavra. (PASSERON, 1995, p. 357).

O pensamento de Passeron ilustra com exatidão a multiplicidade de sentidos que habitam o termo ora contemplado. Nesse raciocínio, é pertinente salientar que a palavra “cultura” é socialmente conceituada de múltiplas formas pelos atores, os quais, em sua maioria, insistem em adotar uma definição, muitas vezes, deturpada a respeito.

Comumente, a palavra cultura é utilizada para designar um conjunto de hábitos característicos de um dado povo, a qual, muitas vezes, tem dimensões seculares. Para tanto, utiliza a língua como principal subsídio para sua externalização.

Cunha define cultura como “ato, efeito ou modo de cultivar; civilização” (1982, p. 233). Logo, infere-se que tal excerto propõe que a cultura perpassa pelo sentido de cultivo de algo. Nessa instância, sugere uma relação com a ideia de “algo que é tradição”. É possível perceber que a língua é preponderante no cultivo de hábitos e costumes, dando notável suporte a uma tradição, o que caracteriza uma “cultura”. Propõe-se que a:

Cultura é o conjunto complexo das representações, dos juízos ideológicos e dos sentimentos que se transmitem no interior de uma comunidade. Nessa acepção, a palavra engloba os conhecimentos que dependem da literatura e das belas artes, mas excedendo-os muito amplamente. [...] Portanto, a cultura compreende especialmente todas as formas de representar o mundo exterior, as relações entre seres humanos, os outros povos e os outros indivíduos. (DUBOIS et. al., 1973, p. 163).

Nota-se no fragmento supracitado uma forte tendência sociológica no que se considera ser cultura. Considera-a uma expressão carregada de juízos ideológicos por não ser estática, nem neutra e influenciar diretamente o uso da língua. Dessa forma, é válido dizer que a cultura não opera no vazio.

Há constantes relações linguísticas entre membros de um povo, o que atribui a eles um perfil condizente entre os mesmos, porém um perfil diferenciado face a uma analogia com outros povos que, por sua vez, não se relacionam da mesma maneira. Logo, é pertinente supor a cultura como fator ideológico, porque perpetua, por meio de uma forte influência, a maneira comportamental dos indivíduos (sujeitos) carregados por ideologia.

Somada a isso, nota-se que se trata também de uma representação linguística e exterior das relações humanas, de maneira a explicitar exercícios da língua de forma singular, pois compreende ao uso da faculdade comunicativa de acordo com suas ideologias e intenções.

Logo, a cultura ganha singularidades responsáveis por contemplar a diagnose comportamental de um sujeito falante. Com isso, a de se perceber a cultura como fator crucial na estruturação da identidade do ator que se move, se relaciona e se articula socialmente por meio da língua.

Nessa concepção, a cultura enquanto uma espécie de ilustração da identidade de uma dada comunidade linguística, ganha dimensões de cunho abstrato ao fundir-se às peculiaridades de um povo, que cultiva hábitos, costumes e crenças de maneira imanente e inerente, ou seja, se locomove de acordo com preceitos que os identificam secularmente.

A respeito da construção da identidade a partir do uso linguístico, afirma-se que:

Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou “ao outro”, isto é, relativamente ao que não é. Essa construção aparece, mais comumente, sob a forma de oposições binárias – a forma mais extrema de marcar a diferença – são essenciais para a produção do significado. (HALL apud SILVA et. al., 2007, p. 30).

A concepção de identidade tratada por Hall é condizente aos preceitos conceituais de cultura, ao mesmo tempo em que opera junto à alçada da língua. Nesse sentido, a cultura é visto como algo aberto e sujeita a alterações ocasionadas pela intervenção de membros de comunidades linguísticas diferenciadas, referidos no pensamento supracitado enquanto “forasteiros”.

Logo, o desenho cultural de um povo depende de sua relação com membros de culturas distintas, sendo que esta comunicação entre representantes ocorre por meio da língua, promovendo o que se convencionou chamar de multiculturalismo.

Além disso, é de grande valia considerar que:

Na área de estudos linguísticos, paralelamente à preocupação com as questões identitárias que atravessam as Ciências Sociais, a temática das identidades surge meio a uma concepção de linguagem enquanto discurso, ou seja, uma concepção que coloca como central o fato de que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico. (MOITA LOPES, 2003, p.19).

A abordagem de Lopes buscar esmiuçar a preponderância da cultura na estruturação da identidade de um sujeito, o que culmina, logicamente, na diagnose do povo ao qual este sujeito pertence. A existência dessa identidade se fundamenta na relação com a própria linguagem, meio contemplado pelos atores sociais para a plena comunicação que, sendo verbal ou não verbal, ilustra veementemente os costumes e ideologias que perpassam a esfera comportamental do usuário da língua.

Nesse caso, a ação humana, além de perpetuar o leque cultural ao qual mantém uma relação genuína, propõe à esfera pragmática o direito interacional de forma singularizada.

Em suma, são muitas as concepções que permeiam a estruturação conceitual de cultura, o que lhe confere complexidade. Principalmente no que tange à polissemia social que a palavra contempla. No entanto, nessa abordagem, optou-se por uma discussão que a

relacionaria a sua percepção mais abstrata, o que a relaciona diretamente ao uso linguístico do ator social.

Entender a cultura enquanto uma espécie de colcha de retalhos é atribuir a ela a primazia da organicidade, pois trata-se de um elemento sujeito a alterações no momento de sua socialização com membros que não pertencem ao mesmo meio.

Entretanto, em uma ótica etimológica abordada por Dubois, é inquestionável o poder ideológico da cultura, partindo da premissa que atua socialmente como uma espécie de compartimento responsável por cultivar hábitos e costumes de um povo, dando a ele especificidades.

A estruturação da identidade social a partir da coesão entre língua e cultura

O documentário *Língua: vidas em português*, com direção de Victor Lopes, trata-se de um filme que se alicerça na relação de influência entre língua e cultura. Faz referência a vários países lusófonos e como há a manutenção da cultura imanente desses povos que, mesmo contemplando a lusofonia como semelhança, não apresentam o mesmo perfil cultural.

Saramago, durante o filme, afirma que “a língua é mais que um mero instrumento de comunicação” (informação verbal). Nesse momento, a referência recai à importância da língua na relação social, bem como ela contribui na perpetuação da cultura.

O autor supracitado, infere-se dessa maneira, faz referências às teorias de interação social por meio da língua de Bakhtin e a concebe enquanto elemento propulsor da estruturação cultural do meio onde opera. Nesse caso, Saramago faz alusão ao fato da língua comportar em sua imanência a cultura de quem a usa, remetendo a ela por meio de uma espécie de metalinguagem.

A língua foi tratada no filme como propulsora da identidade cultural. Por isso, faz-se necessário considerar o multiculturalismo como fenômeno social que mantém com a língua

uma relação indissolúvel, visto que apresenta esse caráter plural justaposto a mesma multiplicidade linguística, isto é, às transformações ocorridas na língua. Neste contexto, elucida-se que:

O multiculturalismo nada mais é do que o fato de várias culturas se encontrarem no mesmo espaço e tempo. Quando num mesmo país, numa cidade, num mesmo bairro, várias culturas se encontram e procuram coexistir, tem-se o multiculturalismo. Multi (muitas) culturalismo (culturas) (KNECHTEL, 2003, p. 30).

É pertinente concatenar o conceito de multiculturalismo às diretrizes de análise do documentário ora estipulado, de maneira a manter com a noção conceitual deste fenômeno social a praticidade cognitiva no ato de compreender as concepções de relação entre língua e cultura postas em evidência no filme.

Percebe-se no documentário que, mesmo os países adotando a lusofonia enquanto célula comum, não podem ser aproximados pelo princípio da analogia de maneira convergente. Isso significa afirmar que devido ao fato de seus ancestrais culturais, bem como dos troncos linguísticos pré-concebidos, cada país retratado no vídeo passa a apresentar disparidades entre si, do ponto de vista social, o que acarreta em uma especificação de culturas.

O filme ora pautado também relaciona a cultura a uma capacidade mental da língua. Ou seja, tomando o procedimento linguístico enquanto fator que atua na disseminação cultural, propõe-se que é uma habilidade a qual se concentra na memória do indivíduo.

Para fins elucidativos e em uma perspectiva psicolinguística, diz-se que a língua materna fica “armazenada” na mente do sujeito, de modo que quanto mais palavras compõem o leque vocabular interno, maior a sua capacidade em manter relações imagético-sinestésicas. Dessa forma, o ser humano irá comportar eminentemente sua gênese cultural.

Constatou-se também que os países apresentados no filme possuem culturas diferenciadas, mesmo apresentando o Português enquanto idioma oficial. Nessa instância, é

crucial esclarecer que a dinamicidade da língua contribui diretamente na discrepância entre as culturas expostas no documentário, visto que a Língua Portuguesa não apresenta uniformidades entre os países apresentados no filme, mesmo contemplando a lusofonia.

Com isso, a contribuição e fundição de troncos linguísticos, que é um fenômeno o qual ocorre de acordo com as especificidades da evolução histórica da língua em dado contexto, ganha importante caráter em sua estruturação.

Saramago comenta acerca desse posicionamento e confirma que “se as línguas não mudassem, todos nós estaríamos falando Latim até hoje” (Informação Verbal).

O pensamento de Saramago propõe uma leitura diacrônica da língua, partindo do princípio de sua retomada à gênese da Língua Portuguesa. É de conhecimento de que o Português origina-se do Latim e traz em sua imanência explicações que são somente encontradas por meio de um estudo sistematizado da língua mãe.

No entanto, a Língua Portuguesa, devido ser viva e constantemente mutável, mudou com o decorrer do tempo, o que atesta a também evolução da sociedade, a qual se atrela em tudo.

Propor a evolução e mudança da língua entre os países lusófonos é admitir a transformação e adequação da sociedade onde opera, o que, conseqüentemente, compromete o posicionamento cultural do sujeito. Logo, é pertinente evidenciar que existe uma relação indissociável entre os elementos que compõem a tríade língua-cultura-sociedade.

Em síntese, o filme referido contempla a beleza da evolução e organicidade linguística, bem como a relação de influência entre língua e cultura, relação esta que atua como um verdadeiro pilar social.

A cultura enquanto elemento genuíno de um povo, no filme, é fator perceptível pela maneira com a qual os entrevistados que se expressam se intercomunicam e externalizam seus costumes de forma bastante peculiar. Nesse ponto, a Língua Portuguesa é meramente um idioma utilizado, porém idioma este que encontra-se a mercê do meio onde opera e da cultura

pré existente do povo que ali se relaciona, estruturando assim a sociedade a qual pertence o ator social e a comunidade linguística onde está inserido.

Considerações finais

Não restam dúvidas de que língua e cultura são duas esferas que norteiam as relações sociais. Diante disso, não se pode supô-las como fatores estáticos, pois tentam adequar-se à transformação social, de modo a contemplar as necessidades do homem em dado contexto.

Dessa forma, o filme *Línguas: vidas em português* é crucial ao aprimoramento de uma visão crítico/cognitiva a respeito deste assunto, posto que contempla com veemência a importância da cultura na influência linguística, e vice-versa, de povos lusófonos, porém diferenciados tanto do ponto de vista social quanto cultural.

Em suma, é necessário que se tenha conhecimento acerca da diacronia da língua para que se possibilite o entendimento sincrônico da mesma. Nessa instância, a cultura passa a ser pensada como fator indissociável a tal fenômeno evolutivo.

Entender a dicotomia diacronia X sincronia, a qual tem suas raízes nos postulados saussurianos, é compreender a língua enquanto elemento dotado de perspectivas antagônicas, porém complementares, visto que para que se estabeleça uma leitura crítico-cognitiva a respeito da construção cultural dos povos retratados no documentário é necessário compreender a diacronia linguística e manter com ela a coerência da sincronia da mesma. Somada a isso, inferir a cultura e a própria língua enquanto elementos responsáveis por sustentar a comunicabilidade no meio social tornam-se algo inegável.

Abstract: Based on an analysis about the relationship between language and culture, on the premise that such spheres act through a dichotomous positioning, structuring of the linguistic identity of a given community, which assigns people to different characteristics disparate. For purposes of proof, this ratio fell to analyze language / culture in *Language: lives in Portuguese*, in order to look like this linguistic dichotomy operates in the maintenance of diverse peoples. The documentary in question illustrates the cultural assumptions that underlie the language users in certain countries, specifically those who endow the principle of lusophone.

Keywords: Language. Culture. Society. Portuguese.

Referências:

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DUBOIS, JEAN [et. al.]. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

HANKS, Willian F. **Língua como Prática Social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Multiculturalismo e Processos Educacionais**. Curitiba: Editora BPEX – FACINTER, 2003.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (org). **Discursos de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

LOPES, Victor. **Língua** – vidas em português. Documentário – vídeo, Paris Filmes, 2004. 105 min

PASSERON, Jean Claude. **O Raciocínio Sociológico**: o espaço não popperiano do raciocínio natural. - Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua e Linguística. IN.: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

PIETROFORTE, Vicente. A Língua como Objeto da Linguística. IN.: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

SILVA, Tomaz da (org) [et al]. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7ª ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.